
ICANN80 | HLGM – Sessão 4: apoiar o desenvolvimento de conectividade significativa em África
Domingo, 9 de junho de 2024 – 16h30 às 18h KGL

BAHER ESMAT: Ok. Bem-vindos de volta. Posso pedir a todos que se sentem? Começamos agora a Sessão 4. Esta sessão vai tratar da conectividade significativa em África. E gostaria de convidar ao palco a nossa moderadora desta sessão, a Sra. Katuuku Gloria, Diretora Interina de Planejamento, Pesquisa e Desenvolvimento da Autoridade Nacional de Tecnologia da Informação de Uganda.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Boa tarde. Espero que o café não os deixe com sono, mas que os mantenham acordados. Permitam-me dar-vos as boas-vindas à quarta sessão que se centra no apoio ao desenvolvimento de uma conectividade significativa em África. Não vou demorar muito, vou apenas convidar nossos palestrantes para subir ao palco. E depois teremos o Sr. Mactar Seck, Chefe da Secção de Inovação e Tecnologia da Comissão Económica das Nações Unidas para África, como especialista no assunto. Em seguida, a Dra. Catherine Adeya, membro da diretoria da ICANN, é nossa palestrante. Por favor, suba ao palco. Sr. Emmanuel Manasseh, Diretor Regional Interino da União Internacional de Telecomunicações de África. Sra. Thelma Quaye, Diretora de Competências e Empoderamento de Infraestruturas Digitais, Smart

Observação: O conteúdo deste documento é produto resultante da transcrição de um arquivo de áudio para um arquivo de texto. Ainda levando em conta que a transcrição é fiel ao áudio na sua maior proporção, em alguns casos pode estar incompleta ou inexata por falta de fidelidade do áudio, bem como pode ter sido corrigida gramaticalmente para melhorar a qualidade e compreensão do texto. Esta transcrição é proporcionada como material adicional ao arquivo de áudio, mas não deve ser considerada como registro oficial.

África. Sr. Serge Sanou, Presidente da Organização de Domínios de Alto Nível da África. Dr. Aminu Maida, CEO, Comissão de Comunicações da Nigéria. Bem, continuaremos enquanto esperamos o Dr. Aminu Maida subir ao palco e teremos os especialistas no assunto nos guiando. É com você, Sr. Mactar.

MACTAR SECK:

Muito obrigado. Boa tarde. Posso ficar com a apresentação, por favor? Vamos falar sobre um assunto importante, exclusão digital e conectividade significativa. O que aconteceu em África e como podemos colmatar esta exclusão digital para promover também esta conectividade significativa. Vou abordar a situação atual no continente. Por favor, a apresentação. Como sabem, África está atrasada em diversas áreas de infraestruturas digitais e tecnologia digital. Discutimos isso desde esta manhã, a baixa conectividade do continente. Estamos agora com 37% de conectividade e entre os 2,8 mil milhões de pessoas offline no mundo, aproximadamente 900 milhões são de África, o que representa 63% da nossa população. Temos também outro grande desafio devido a esta exclusão digital. Quando falamos em exclusão digital, temos também a questão da identificação digital. Temos 500 milhões de pessoas no continente sem qualquer forma legal de identidade. Se você não possui essa identificação digital, você não faz parte dessas informações digitais. Você não pode ter acesso ao serviço administrativo, ao serviço social, ao serviço de governo eletrónico. Outro ponto também são as habilidades digitais. Temos uma grande lacuna em competências digitais no continente. 80% dos nossos alunos não possuem habilidades básicas em STEAM.

Outro ponto que também podemos destacar é o custo do serviço de telecomunicações ou do serviço digital, muito alto, três vezes. E também, a infraestrutura, a cobertura também, é um grande problema no continente. E quando falamos sobre essa exclusão digital, isso traz vários problemas. E quando olhamos globalmente para o continente africano, podemos resumir a exclusão digital em cinco elementos-chave. Você tem que ser pobre, um. Você é uma mulher, segundo. Você tem baixa alfabetização é o terceiro. Quarto, você mora na zona rural. E quinto, é a questão da infraestrutura. São cinco questões-chave que temos de resolver para colmatar a exclusão digital no continente. Próximo slide, por favor. Está também relacionado com o custo, a capacidade económica dos nossos cidadãos. E por que o desafio? São vários desafios que temos que resolver. E espero que durante a discussão encontremos alguma solução. Já discutimos há muito tempo esta questão da exclusão digital. Acho que temos aqui vários painelistas de diversas instituições. Estamos trabalhando para reduzir a exclusão digital. Vamos ouvir deles como superaram o desafio da infraestrutura. Quando se fala em infraestrutura, não se trata de infraestrutura digital. Também falamos sobre eletricidade. Como sabem, 80% dos 700 milhões de pessoas sem qualquer acesso à eletricidade são provenientes de África. Quando você fala também de digital, de desafio, você tem a questão da acessibilidade. O custo é muito alto. A questão da literacia digital, como vamos aumentar, como vamos desenvolver a capacidade da nossa nova geração. Porque em 2050, 70% da população africana terá menos de 35 anos. E precisamos de desenvolver a capacidade desta geração jovem em competências digitais. Porque atualmente 90% dos novos empregos serão digitais ou

exigirão componente digital. Outro ponto é a política. Temos agora a tecnologia emergente, IA, blockchain. Que tipo de regulamentação deveríamos implementar? Que tipo de política devemos implementar? Precisamos promover a inovação. Precisamos deste equilíbrio entre regulação e inovação. É algo que temos que olhar. Que tipo de abordagem deveríamos ter para a regulamentação política? Outro ponto que temos que discutir é a segurança cibernética. Temos que proteger o ciberespaço. Como sabe, país africano, a cibersegurança custa 10% do PIB de África. Precisamos encontrar uma solução para isso, propor alguma solução para superar esse problema de segurança cibernética. Outro ponto, muito importante, é a colaboração, como podemos colaborar em toda a África. Temos diversas organizações trabalhando no mesmo assunto no continente. Precisamos que todos unam os nossos esforços para trabalharmos juntos para tornar este apoio mais eficiente no continente. Como podemos trabalhar com a ICANN, como podemos trabalhar com a UIT, como podemos trabalhar no âmbito do IGF. Felizmente, teremos o pacto digital a ser adotado em setembro de 2020, este ano, em Nova Iorque. E será a única estrutura do mundo para o digital que queremos. E espero que encontremos uma maneira de trabalhar juntos. E agora chegamos a resolver esse desafio. E é aqui que a conectividade consciente é crucial para colmatar a exclusão digital. Conectividade consciente significa muitas coisas. Acho que no painel anterior discutiram muito sobre conectividade consciente para acesso, acessibilidade, equipamentos, todas essas questões. Penso que o painel irá discutir esta conectividade consciente, o que precisamos na conectividade consciente em África. É algo muito importante se quisermos colmatar a exclusão digital. Como podemos

proporcionar acesso a todos a preços acessíveis e também como podemos desenvolver as competências da população africana. Como podemos conectar a área rural. Acho que precisamos discutir tudo isso neste próximo painel. Hoje discutimos com a ICANN. Temos vários pontos que gostaríamos de levantar. Portanto, com a ICANN hoje, não é apenas a ICANN, mas entre a ICANN, a UNECA, a União Africana, temos a Smart Africa e todas as outras organizações que apoiam o continente. Se quiser aconselhar esta conectividade significativa, temos de trabalhar em conjunto com a ICANN no desenvolvimento de políticas. Como podemos desenvolver a capacitação também, no ccTLD, também essa política de DNSSEC, a segurança do DNS, também temos que trabalhar na segurança, é algo muito importante, além de iniciar todo o engajamento. Como podemos fazer com que mais população africana, comunidade tecnológica africana, decisores e decisores políticos africanos compreendam melhor o papel da ICANN e como podemos apoiar este país africano a colmatar esta exclusão digital através de um melhor acesso à Internet para a prosperidade e o bem-estar da população africana. É possível, mas precisamos de discutir e ser muito francos, para identificar o problema africano e encontrar uma solução para África. Temos muitos problemas no setor de internet. Temos a questão do AfriNIC, temos alguns nomes de domínio, nomes de domínio de países, temos que resolver isso e precisamos discutir seriamente sobre isso, e estamos prontos para trabalhar com a ICANN e outras organizações para resolver este problema. E vou concluir com o que oferecemos como Comissão Económica das Nações Unidas para África para colmatar esta exclusão digital e melhorar e promover esta conectividade significativa. Trabalhamos em diversas áreas das Nações

Unidas. No que diz respeito às infraestruturas, apoiamos os países africanos a expandir a sua infraestrutura de banda larga, como podem desenvolver o seu DNSSEC, como podem desenvolver esta infraestrutura pública digital. Trabalhamos na regulamentação, como apoiá-los no desenvolvimento da nova regulamentação e desta nova tecnologia emergente, como os apoiamos no desenvolvimento do seu programa de identificação digital, como os apoiamos na forma como construímos as suas competências digitais para colmatar esta lacuna nas competências digitais. Trabalhamos com eles para ajudá-los a desenvolver outras inovações em pesquisa. Temos um conceito chamado Origem. É um conceito para identificar o problema africano e desenvolvemos soluções inovadoras para resolver este problema africano. É claro que, no que diz respeito à capacitação, estamos agora a desenvolver vários centros de excelência. Desenvolvemos um no Congo Brazzaville para IA, centro de inteligência artificial. Estamos desenvolvendo agora um em Ruanda no centro STEAM e também o centro de segurança cibernética em Lomé, Togo. Tudo isso. E também, temos muita parceria com diversas organizações. Smart Africa, União Africana e também teremos uma parceria com a ICANN. É uma área importante que gostaria de compartilhar com vocês. E penso que o nosso ilustre palestrante de hoje irá abordar toda esta questão, muito importante para o continente africano. Muito obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigado, Sr. Mactar. Você pode sentar-se. E nossos colegas palestrantes de hoje ouviram falar sobre conectividade significativa e como é muito importante eliminar a exclusão digital. Quais são os

principais desafios que os países africanos enfrentam em termos de exclusão digital? E o que é necessário para garantir a inclusão digital? Vou começar com você. É com você.

CATHERINE ADEYA:

Muito obrigada. E Mactar, tivemos discussões interessantes com você no passado sobre isso. E se alguém visse minha apresentação agora, pensaria que estávamos sentados na mesma sala. Portanto, será reconfortante saber que Mactar já discutiu alguns dos desafios. Mas o que é interessante... Em primeiro lugar, Governo do Ruanda, muito obrigado pelas boas-vindas. É sempre bom estar de volta aqui. E com a pergunta que me está a fazer, agradeço que nos mais de 20 anos tenha trabalhado no espaço ICTD em África. Esta foi a mesma pergunta que foi feita, mas tratada de maneiras diferentes. E Mactar, no FAD da UNECA de 1999, o tema foi sobre desafios e oportunidades para África na era digital. Estamos discutindo isso agora, mas talvez de maneiras diferentes. Então, alguns dos desafios que permanecem. Nesse momento estamos falando de fibra óptica e tudo que precisamos colocar. Neste momento, ainda estamos a falar de infraestruturas inadequadas. Estamos a falar de fornecimento limitado de eletricidade e de elevados custos de conectividade. Mas tudo isso agora está sendo delimitado pela palavra-chave conectividade significativa. Depois, tem-se falado de políticas inadequadas ou de políticas e regulamentos desalinhados, que muitas vezes não são apoiados pelo orçamento. Penso que a Senadora Catherine Mumma disse que eles podem apropriar-se dos orçamentos se compreenderem o que é necessário para reduzir a exclusão digital. Mas às vezes eles não conseguem essa

conexão. Eles querem uma conectividade significativa, mesmo como legisladores, mas não sabem o que precisam fazer para orçar isso. Ela também falou sobre a comunidade tecnológica não estar acompanhando as pessoas que elaboram as políticas. E ainda considero isso um enorme desafio e uma enorme lacuna. Mas o meu colega do Conselho esta manhã, Wes, é um especialista em tecnologia e resumiu muito bem, dizendo que é necessário haver mais diálogo entre tecnólogos e decisores políticos. E a ICANN começou isso, e acho que os legisladores apreciaram a reunião que vocês tiveram ontem. E precisa claramente de ser uma abordagem de todo o governo e não apenas dos ministérios das TIC. E, finalmente, um dos desafios que permanece é a sustentabilidade do acesso digital de propriedade da comunidade. Os problemas nas zonas rurais e remotas e nas pessoas desfavorecidas que não dispõem de conectividade fiável à Internet têm de ser tratados de uma forma completamente diferente. Então, algumas das soluções, acho que Mactar as resumiu, a abordagem holística, então vou escolher apenas uma. E penso que precisamos de fornecer políticas e regulamentações mais dinâmicas. Além disso, desafiar os legisladores a ajudar o ecossistema digital a prosperar. Por exemplo, uma política que permita aos investidores fabricar ou montar telefones em África, que serão então mais fáceis de exportar através do AFTA, o Acordo de Comércio Livre de África. Algumas delas precisam ser mais reforçadas, então escolhi apenas uma, embora tivesse cinco soluções. Mactar resumiu o resto deles. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Na verdade, é necessário que os tecnocratas e os decisores políticos se sentem e conversem juntos à medida que desenvolvem estas políticas. Sr. Emmanuel Manasseh, o que você acha desses desafios que nos afetam em termos de exclusão digital?

EMMANUEL MANASSEH: Sim, muito obrigado. Você pode me ouvir?

GLORIA ATWINE KATUUKU: Sim.

EMMANUEL MANASSEH: Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha sincera gratidão à administração da República do Ruanda por acolher esta importante reunião na bela cidade de Kigali. A conectividade significativa e o acesso a TIC seguras e acessíveis são um pré-requisito para a inclusão digital sustentável. Gostaria de começar pelas estatísticas para que possamos ver a magnitude do problema que estamos discutindo. À medida que navegamos no terreno do século XXI, todos estamos na vanguarda da abordagem de uma barreira invisível mas significativa: a exclusão digital. De acordo com estudos recentes, existirão 230 milhões de empregos digitais na África Subsariana até 2030. E que, até 2040, África terá a maior força de trabalho do mundo. As estatísticas de dados mostram que apenas 37% da população em África tem acesso à Internet, em comparação com a média global de 67%. E a questão é que, mesmo nas áreas onde a ligação à Internet está disponível, muitos não têm acesso a dispositivos inteligentes, como computadores,

portáteis e tablets, o que limita a sua capacidade de participar na economia digital. Em 2022, estamos na mesma cidade de Kigali, onde a UIT realizou a reunião da Conferência de Desenvolvimento das Telecomunicações. E naquela época tínhamos 2,9 bilhões de pessoas conectadas no mundo. E viemos com o Plano de Ação de Kigali, que dizia conectividade acessível, transformação digital, políticas facilitadoras e ambiente global, mobilização de recursos e cooperação internacional, e telecomunicações inclusivas e seguras na ICC para prioridades de desenvolvimento sustentável. Estes foram definidos como uma prioridade para 2022-2025 para a UIT. E também veio com as Iniciativas Regionais de África, que falam sobre implementação e expansão de infraestruturas de banda larga, e dizem conectividade para tecnologias emergentes. Uma das principais questões sobre as quais quero falar é preencher a lacuna. Em primeiro lugar, a colaboração e a parceria são pilares do trabalho da UIT para os ligar, conectando e não deixando ninguém para trás. Através da ITU Partner to Connect Digital Coalition, da qual você também ouviu falar pela manhã. Além disso, temos o projeto Giga, que visa conectar todas as escolas até 2030, trabalhando em conjunto com o UNICEF. Com cada colaboração, estamos a construir um futuro onde a conectividade é uma ponte para oportunidades e um passo para alcançar o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável. No entanto, o que quero dizer, e tenho vindo a dizer, para colmatar a lacuna de conectividade requer investimentos significativos. E este investimento deve igualmente considerar a resolução da escassez de eletricidade fiável, que dificulta o estabelecimento de manutenção e comunicações essenciais. Ainda assim, há 600 milhões que não têm acesso à eletricidade. Sem uma

fonte de energia estável e acessível, torna-se um desafio abastecer e sustentar a infraestrutura necessária para a conectividade. Assim, para além da colaboração, este é o ponto-chave da parceria. Acredito que uma forte vontade política ao mais alto nível, juntamente com políticas facilitadoras no ambiente global, são cruciais para alcançar uma conectividade universal e significativa. Obrigada por enquanto.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Na verdade, o investimento é fundamental para colmatar a exclusão digital. Sra. Quaye, o que você acha que precisamos fazer para garantir a inclusão digital? E quais são os principais desafios sobre os quais os países africanos estão a lançar mais luz?

THELMA QUAYE: Muito obrigada. E obrigado por nos receber. Então, a Dra. Catherine mencionou este tópico sendo discutido já em 1999. Não quero dizer onde eu estava em 1999. Você adivinharia minha idade. Mas tentarei elaborar o que Mactar disse, o que todos os outros disseram, através da minha própria experiência de vida. Basicamente, quais são as realidades? Ouvimos falar das ações macro que devem ser realizadas, dos desafios macro. Então, eu adoro manteiga de karité. E para quem sabe, a manteiga de karité é a pomada da natureza para a pele. E é cultivada em abundância no norte de Gana, e eu venho de Gana. Então, pelo jeito que eu queria, e porque moro aqui em Kigali, sempre que tenho a oportunidade de ir a Acra ou Gana, gosto de ir para o norte para comprar uma quantia considerável. Então, numa dessas viagens ao

norte, conheci uma senhora chamada Aisha. Aisha é uma comerciante. Ela está na casa dos 20 anos. Ela tem um filho. O nível de educação mais alto que Aisha possui é a escola secundária. É claro que, depois do ensino médio, ela não conseguiu encontrar nada para fazer, então começou a negociar manteiga de carité. E o mercado dela é apenas o mercado imediato, então ela leva para o mercado local. Ela ganha cerca de US\$ 2 por dia. As vendas mais altas que ela faria no melhor dia seriam em torno de US\$ 5. E ela também tem telefone, então às vezes, quando quero falar com ela, preciso ligar para ela. Ela raramente se conecta à internet porque é muito cara. O telefone dela é um telefone inteligente e, portanto, se você quiser contatá-la, precisará enviar uma mensagem de texto ou ligar para ela. Então, eu estabeleci um relacionamento com ela. E nos poucos dias em que ela consegue pagar pela internet ou comprar internet, ela a usa principalmente nas redes sociais ou em filmes. Agora, a história de Aisha é muito, muito semelhante em todos os aspectos. O que estou tentando dizer? Os desafios da Internet acessível que foi dito são uma dura realidade. É real. Os desafios da Internet acessível ou significativa, mas também da educação. E o ponto principal que quero destacar aqui é a criação de diferentes caminhos de educação para os nossos jovens. Para além da Internet, para além de lhes dar Internet, como tudo foi dito, precisamos de ser capazes de criar diferentes caminhos de educação para os nossos jovens. Imaginemos que 90% dos africanos subsaarianos, depois do ensino secundário, não conseguem ter acesso ao ensino superior. Então, onde eles estão? O que eles estão fazendo? Estas pessoas ficam automaticamente excluídas dos ganhos socioeconómicos. E acredito que estamos falando aqui de internet em benefício socioeconômico

dessas pessoas. E assim, precisamos de pensar na inclusão digital não apenas como uma ligação à Internet, mas também como variar os percursos educativos que oferecemos aos nossos jovens, dando-lhes mais oportunidades para poderem alavancar a economia que a Internet traz.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Vou levá-lo ao Sr. Serge Sanou. É claro que não podemos subestimar a Internet acessível e o quão crítica ela é. Na sua perspectiva, quais são alguns dos desafios que os países africanos enfrentam, especialmente como Presidente da Organização Africana de Nomes de Domínio de Alto Nível? Obrigado.

SERGE SANOU: Muito obrigado. Vou mudar para francês. Muito obrigado. Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer ao governo ruandês e à ICANN por organizarem esta reunião tão importante em Kigali sobre a questão da Internet. A Associação AFTLD, Organização de Domínios de Topo de África, da qual sou presidente, é uma associação de ccTLDs africanos. E para responder à sua pergunta, que tem a ver com o fortalecimento da conectividade em África, gostaria de falar sobre três iniciativas que temos atualmente no âmbito da AFTLD. A primeira atividade em que estamos trabalhando é a organização dos stakeholders. Na realidade, para reforçar a conectividade à Internet em África, penso que há algo que é crucial. É usar o termo colaboração das diferentes partes interessadas. Nesse sentido, a AFTLD sempre contribuiu para a organização de diversos eventos em África. Você conhece o Africa DNS

Forum como exemplo. Mas a nova iniciativa na qual estamos trabalhando está fortalecendo isso para os diferentes ccTLDs, para que os diferentes países tenham TLDs nacionais. E fizemos bastante progresso nos últimos cinco anos. Temos TLDs nacionais no Benim, na África do Sul, no Quênia, no Chade, nos Camarões e no Gana. Então, isso mostra que ainda temos progresso a fazer. Mas o objetivo é promover a discussão e o intercâmbio sobre a Internet a nível local. Fortalecer a conectividade também significa que podemos discutir a nível local as questões mais importantes, a fim de responder às necessidades dos diferentes intervenientes nas diferentes indústrias. Fora dessas iniciativas, também temos trabalhado numa infraestrutura nos últimos anos, que é o Observatório Africano de Nomes de Domínio. É uma plataforma que coleta os dados dos ccTLDs para ter um registro de dados confiável para que possamos agir com base no que coletamos, ou seja, com base nessas bases de dados. É uma iniciativa importante na qual não trabalhamos sozinhos. Trabalhamos com parceiros internacionais. E gostaria também de agradecer ao parceiro principal, a AFNIC, a Associação Francesa AFNIC, que nos ajudou a trabalhar neste projeto, tanto técnica como financeiramente. A terceira iniciativa que gostaria de mencionar aqui é a Coligação para uma África Digital, o projeto CDA de que todos já ouviram falar. A esse nível, o AFTLD é um parceiro importante num terceiro pilar para reforçar a capacidade, para desenvolver capacidade. O que trazemos neste processo que foi iniciado com a ICANN para desenvolver capacidade é que trabalhamos com registros africanos. Temos duas sessões, dois treinos. Fizemos um aqui em Kigali ontem. Então são treinamentos para discutir marketing, negócios, estratégia. E selecionamos duas pessoas dos 10 países

selecionados, acabamos com 20 pessoas em Kigali que seguiram o treinamento. E esperamos que esta formação ajude a capacitar o pessoal dos diferentes registos. Haverá outro treinamento que ocorrerá em cerca de um mês em Nairobi, no Quênia. E esse treinamento será muito mais técnico. E terá a ver com questões técnicas relacionadas com o funcionamento dos registos. E terá como alvo os registos africanos. Então, esse é um projeto importante que trabalhamos com vários parceiros. Na coligação, temos mais de 10 parceiros. E gostaria também de agradecer à AFNIC francesa que mencionei anteriormente, que contribuiu para esta formação. Portanto, obrigado por apoiar a nossa coligação e por apoiar a AFTLD nas suas atividades. Vou parar agora. Muito obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Vou levá-lo ao engenheiro Babagana. Por favor, desculpe, a pronúncia do seu nome.

DIGIMA BABAGANA: Não tem problema. Muito obrigado. Meu nome é Engenheiro Babagana Digima. Estou representando meu vice-presidente executivo e CEO, Dr. Aminu Maida, que me pediu desculpas por não poder comparecer hoje. Eu irei aos pontos. A maior parte da discussão que foi feita hoje analisou, na verdade, a maioria dos desafios que enfrentamos em África em termos de como podemos fornecer uma conectividade significativa. Mencionamos muitos deles. Infraestrutura, energia, alfabetização digital, acessibilidade e preços acessíveis, segurança cibernética, barreiras linguísticas. Mas também temos duplicação de esforços que

estamos fazendo, como disse o Dr. Adeya há quase duas décadas, estamos falando sobre levar fibra aos locais, e ainda estamos falando sobre isso hoje. Infelizmente, a África é um continente muito grande, é o segundo maior continente do mundo. Você pode encaixar toda a América do Norte e a Europa na massa terrestre da África. Então, isto dá-nos uma ideia do quão grande é África. E, claro, também estamos sobrecarregados com o facto de a maioria destas tecnologias de que estamos a falar não virem de África. 99,5% são estrangeiros, então temos que gastar dinheiro para conseguir a fibra ótica, temos que gastar dinheiro para conseguir o equipamento, e somos pobres nesse aspecto. Mas infelizmente também estamos destruindo enquanto construímos, porque a situação em que nos encontramos agora em África, estamos num ponto em que estamos a desenvolver as nossas cidades, por isso construímos fibra ótica hoje, talvez nos próximos três, cinco meses uma construção de estradas surgir, será necessário construir outra infraestrutura e acabaremos por destruí-la. Por exemplo, na Nigéria, em 2023, no ano passado, tivemos mais de 59.000 cortes de fibra num ano, o que é enorme. Você instala a infraestrutura e, alguns dias depois, consegue cortá-la, e alguém tem que pagar por isso, e você está perdendo mais tempo tentando fazer isso, consertar isso. Portanto, esses são alguns dos desafios inerentes a África. Mas nem tudo são desafios. Também temos histórias de sucesso em termos de como chegar a um certo ponto em que podemos dizer, sim, estamos a desenvolver África em termos de eliminação da exclusão digital. A fibra é uma forma de o fazer, mas também temos de repensar como africanos. Podemos levar a fibra a alguns pontos, e talvez procuremos outras tecnologias, como a rede fixa sem fio, para levar a banda larga

às áreas rurais, o que poderia ser muito mais barato do que ter que instalar fibra em todo o caminho. África é maior, como mencionei, será um esforço imenso, porque não se obterá o retorno do investimento. E uma área em que obtivemos sucesso na Nigéria é, obviamente, olharmos para o sector privado. O setor privado é o maior contribuinte para as telecomunicações na Nigéria. E para o governo, as políticas deveriam ser que deveríamos ter uma economia liberal, deveríamos liberalizar, deveríamos garantir que os sectores que afetam, ou os sectores que permitem a conectividade digital foram liberalizados, e esse é um dos fatores de sucesso, e Acho que desenvolveremos isso talvez mais tarde, conforme o tempo aprovar. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Para evitar mais tempo, gostaria de ir até você, doutor. De que forma o esforço da ICANN converge com as necessidades e prioridades das nações africanas em relação à governança da Internet e ao avanço da infraestrutura digital?

CATHERINE ADEYA: Bem, isso é muito acadêmico, mas vou responder. E pouco antes de responder também ao que a ICANN está fazendo, talvez apenas para me qualificar um pouco mais rapidamente. A razão pela qual fui criado em 1999, quero dizer, é tecnologia. Com a tecnologia vem a obsolescência, com a obsolescência as coisas continuam a mudar, por isso os desafios de ontem não são os desafios de amanhã. Assim, enquanto falamos agora, haverá um novo desafio, mas muita coisa aconteceu em África, e fiquei muito feliz por também testemunhar a aterragem dos cabos há

muitos anos. Mas acho que o trabalho que a ICANN está fazendo na África, acho que nosso presidente Tripti já compartilhou alguns de seus esforços na África esta manhã, e vou apenas detalhar um ou dois itens. Acho que a única coisa que esqueci de discutir anteriormente se alinhará muito bem com o que a ICANN também está fazendo. E um dos desafios que continua a existir, chamo-lhe analfabetismo digital, porque as pessoas têm reclamado muito da falta de conteúdos relevantes em línguas acessíveis. E isso faz parte do trabalho que a ICANN está realizando. Então, você já ouviu falar da Coalizão para a África Digital. Não falarei sobre todos os outros trabalhos em África, falarei apenas sobre a Coligação, e algumas pessoas nesta sala, claro, organizações já estão a formar parcerias para expandir a Internet em África. Assim, a ICANN faz isto promovendo a inovação e os esforços empresariais para fortalecer a infraestrutura da Internet em África. A conectividade significativa de que estamos falando hoje é um dos pilares da Coalizão para a África Digital da ICANN. Por exemplo, os projetos de aceitação universal e os projetos de nomes de domínio internacionalizados destinam-se a promover a inclusão e a apropriação. Então isso está nos projetos CDA. E uma iniciativa fundamental no âmbito da conectividade significativa, novamente no âmbito da Coligação para o Digital, é preparar os sistemas de correio eletrônico e outras plataformas de comunicação nas instituições de ensino superior para a aceitação universal e a internacionalização dos endereços de correio eletrônico. E sei que isto está a ser feito através da AAU, a Associação para Universidades Africanas, e sei que algumas pessoas comentaram sobre isso, mas foi apenas uma abordagem para entrar porque há muitos estudantes, mas tenho a certeza que será uma

oportunidade. discussão continuada. E para os legisladores, sei que alguém me perguntou sobre a aceitação universal, e sei que ainda há muito para aprender e continuará a aprender, mas, em poucas palavras, a aceitação universal apenas garante que todos os nomes de domínio e endereços de e-mail possam ser usado por todos os aplicativos, dispositivos e sistemas habilitados para Internet. E este é realmente um requisito fundamental para tornar a Internet verdadeiramente acessível para todos. Assim, por exemplo, sob aceitação universal, ajudará comunidades de todo o mundo a aceder à Internet nas suas próprias línguas e escritas locais. Então, em África, sei que uma das línguas é o Kiswahili, e em breve as pessoas irão questionar o que acontece com as outras línguas. Está em processo. E o último. Então, só estou mostrando que a ICANN está fazendo muito, porque você me perguntou. Se você tiver tempo, consulte o Estudo da Indústria de Nomes de Domínio da África de 2023. É um recurso muito útil porque as recomendações também trazem algumas das coisas que estamos discutindo aqui, como o fortalecimento da infraestrutura regional da Internet. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada, Dra. Catherine. Sei que estamos recebendo muitos insights, mas devido ao tempo, solicito que limitemos nossa discussão a apenas... Porque tudo foi realmente destacado e discutido. Sra. Thelma, a Smart Africa tem estado na vanguarda da promoção da informação digital em todo o continente. Você pode compartilhar algumas das poucas iniciativas que você considera bem-sucedidas deste grupo?

THELMA QUAYE:

Com certeza, vou compartilhar. A Smart Africa tem atualmente 34 projetos em que estamos a trabalhar, agrupados em quatro programas. Mas especificamente, para os desafios que foram levantados pelos meus colegas painelistas e pelo especialista no assunto, vou citar três deles, e também me alinhar com a história de Aisha. Portanto, o primeiro é sobre acessibilidade e conectividade significativa. Então, o que estamos a fazer, muito semelhante ao que as telecomunicações fazem pelo direito irrefutável de utilização, estamos a tentar trabalhar com cerca de 11 países para agregar dados e, com base nesses volumes, protegemos os preços com os prestadores de serviços. O custo da Internet é um jogo de números, por isso, se pudermos garantir que um determinado volume chegará nos próximos 10 anos ou mais, seremos capazes de negociar preços baixos. E simulamos isso e vimos que podemos reduzir os preços de 50% para 90%, o que é muito, e isso é algo que está em andamento. Estamos também a abordar as competências digitais através da Smart Africa Digital Academy, abordando agências governamentais. Houve uma menção aqui sobre como os legisladores ou reguladores não entendem a tecnologia. Então é isso que a SADA está empenhada em fazer, e temos colaborado com diversas organizações aqui para podermos desenvolver essa capacidade e conhecimento. E por último está o comércio transfronteiriço. Eu sei que meu tempo acabou, mas, novamente, se Aisha tivesse uma plataforma para poder negociar fora de sua localidade, ela seria capaz de expandir seu mercado. Sei que os africanos orientais adoram manteiga de cisalhamento e, se Aisha tivesse essa plataforma digital de comércio transfronteiriço, ela

poderia facilmente exportar o seu comércio. Então, isso também é algo que estamos trabalhando em conjunto com a AFCTA e muitos outros, mas fiquei sem tempo.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Ótimas iniciativas. Sr. Serge, como é que a organização de domínio de alto nível de África está a trabalhar para melhorar o ecossistema digital em África?

SERGE SANOU: Obrigado. Então, o que posso dizer é que há muitos desafios em África, mas como mencionei anteriormente na minha apresentação, devemos estar preparados para colaborar e trocar, para estabelecer parcerias, parcerias com diferentes organizações a nível internacional ou local. Isso é crucial. Sem verdadeiras parcerias, é difícil alcançar os objetivos que nos propomos. Então, acho que queremos estabelecer parcerias com diversas organizações, organizações que vão apoiar as nossas iniciativas. E mencionei anteriormente o projeto CDA e nosso trabalho com diversas parcerias. Na coalizão, você tem mais de 10 parceiros. A ICANN está ativamente envolvida na coalizão. Mas acho que a porta ainda está aberta. Queremos mais parceiros para trabalhar questões específicas, porque na AFTLD a ideia é que queremos que os registos se desenvolvam através de iniciativas locais, através da capacitação que lhes proporcionamos. E então vamos abordar também a questão do financiamento. E assim, com essas parcerias, a AFTLD gostaria de contribuir para diversos projetos para que essas partes interessadas possam beneficiar deles. Um dos indicadores que nos permite medir a

evolução dos nomes de domínio em África é o número de registos. Verificamos novamente se as informações que fornecemos causam um impacto, um aumento em termos de nomes de domínio. Também em termos de potenciais mudanças, ao nível da governação, olhamos para isso porque é um aspecto fundamental. Tem a ver com estratégia, com desenvolvimento do cadastro. Tem a ver com marketing. Portanto, é em todas estas questões de capacitação que nos concentramos na AFTLD, a fim de promover o desenvolvimento da Internet em África. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Na verdade, são necessárias iniciativas locais à medida que promovemos a exclusão digital e a inclusão digital. Sr. Engenheiro Babagana, a Nigéria deu passos significativos na melhoria da conectividade digital. Você pode compartilhar algumas iniciativas? Limitemo-nos ao que é muito variável nesta reunião de alto nível. Obrigado.

DIGIMA BABAGANA: Muito obrigado mais uma vez. Como você mencionou, há diversas iniciativas que empreendemos. Só para se ter uma ideia, por exemplo, temos oito cabos de estações de aterrissagem submarinas que pousaram na Nigéria com mais de 370 terabytes de capacidade por segundo. Temos cerca de uma dúzia de data centers na Nigéria. Um deles é o Tier 4. Alguns deles têm design do Tier 4. Vários deles são de nível 3. Temos o Internet Exchange Point da Nigéria, que é uma das maiores histórias de sucesso que surgiram em Túnis, a WSIS Tunis. E foi

estabelecido especificamente pela Nigéria, com a única intenção, claro, de intercâmbio de dados dentro da Nigéria. E, no momento, eles atingiram mais de 560 gigabits de transferência de dados no ano passado. E atualmente são cerca de 600, e esperam atingir 1 terabyte até o final deste ano. Portanto, esta é uma das histórias de sucesso e é uma das coisas que dizemos sobre parcerias público-privadas. E, claro, estabelecemos o CSIRT para resposta informática a emergências e incidências. E também realizamos muitos leilões transparentes de espectro. Atualmente para 5G, fizemos alguns licenciamentos, até mesmo para provedores de satélite. No ano passado e neste ano, tornou-se o terceiro maior ISP da Nigéria. Então, você pode ver que temos muitas coisas que se resumem em como você desenha sua parceria com o setor privado. Então essa parceria é a chave para nós. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Na verdade, precisamos de parcerias para colmatarmos a exclusão digital. Sr. Emmanuel Manasseh, qual é a perspectiva da UIT? Quais são as principais barreiras para alcançar uma conectividade significativa em África? E quais são as iniciativas que estão atualmente em vigor para enfrentar esses desafios?

EMMANUEL MANASSEH: Muito obrigado. Como você disse, a principal barreira para alcançar a inclusão, a número um, como eu disse quando estava apresentando as estatísticas, era o fato de que a maioria dos dispositivos, os dispositivos inteligentes, ainda não são acessíveis. Assim, como a maioria dos

dispositivos não são acessíveis, mesmo em locais onde há conectividade com a Internet, nem todos se beneficiam da Internet. Mas também ouvimos falar de competências digitais. As habilidades são muito críticas para colocar as pessoas online. Eles precisam de competências para a vida digital, mas também vemos que a maioria das pessoas quer produtos e soluções fabricados em África, resolvendo necessidades prementes dos africanos. Isso requer competências digitais avançadas para garantir que temos as competências certas e adequadas aos fins que adoptam e utilizam as tecnologias novas e emergentes e fornecem soluções adequadas aos africanos. Mas outra coisa importante que foi dita sobre a inclusão digital, e quero falar sobre isso, é que acredito que a conectividade é fundamental, mas a verdadeira inclusão digital transcende a conectividade. Trata-se de colocar as pessoas no centro das tecnologias digitais, capacitando-as para aproveitarem a tecnologia para o crescimento. Permitam-me mencionar que sem conteúdo digital personalizado, a infraestrutura digital tem pouco a ver. A disponibilidade de conteúdos e serviços locais relevantes para os utilizadores é fundamental para a inclusão digital. As pessoas acessam a Internet porque esperam que a Internet seja útil e interessante. Assim, conteúdos e serviços locais relevantes que respondam às exigências e necessidades dos utilizadores impulsionam a adoção e o crescimento digital. Por isso, juntos, devemos esforçar-nos por personalizar conteúdos e serviços digitais para ecoar as vozes únicas de diferentes culturas, garantindo que o cenário digital seja variado e a cultura que nos esforçamos por conectar. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Gostaria de perguntar aos nossos painelistas, qual foi a sua conclusão? Apenas dois cêntimos para isto, quais são as suas duas conclusões para esta ligação à África digital? Obrigado.

DIGIMA BABAGANA: Muito obrigado. Acho que a primeira conclusão é, claro, a questão da infraestrutura. Devemos olhar para esta questão não apenas da perspectiva do sector público, mas também da perspectiva do sector privado. Portanto, precisamos analisar como implantamos a infraestrutura. Temos que nos esforçar para garantir que não iremos implantar e destruir. Então, tem que ser um design desde o início que tenha isso em mente. E, em segundo lugar, a questão de colocar as pessoas na extremidade receptora. Então, a gente não implanta sem ter gente que vai fazer uso disso. Então, nosso pessoal precisa ser capaz de obter algum conteúdo útil da Internet, basicamente. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Obrigada. Já que percorremos todo o caminho, continuemos com o Sr. Serge Sanou. Seus dois centavos.

SERGE SANOU: Obrigado. Penso que, em termos de reforço da conectividade à Internet em África, precisamos primeiro de reforçar as infraestruturas. Mas o mais importante é que penso que a colaboração deve ser reforçada entre os diferentes intervenientes para que juntos possamos definir projectos que tenham verdadeiramente um impacto no desenvolvimento da Internet em África. A minha organização, assim

como outras, estamos preparados para ajudar-nos mutuamente. Mas precisamos de chegar a acordo sobre as alavancas, sobre o que precisamos de salientar. Essas alavancas que precisamos utilizar para garantir o desenvolvimento sustentável da Internet no continente. Em África, a Internet está a evoluir lentamente, como dissemos, devido às dificuldades que enfrentamos. Mas penso que, mesmo assim, podemos recuperar o tempo perdido se colaborarmos. Muito obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Obrigado por essas duas lições. É com você, dona Thelma.

THELMA QUEYA: Obrigada. Portanto, a minha principal conclusão será o facto de que garantir que estamos a eliminar a exclusão digital vai além de proporcionar Internet às pessoas. Precisamos de dar às pessoas oportunidades equitativas através da educação, através de competências, através de todas as formas pelas quais possam aproveitar a Internet para obter benefícios socioeconómicos. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: É com você, doutor.

CATHERINE ADEYA: E já que sou a última, vou dar duas lições. Será rápido e darei uma lição para eles. Então, as duas conclusões resumindo tudo o que você disse. Acho que alguém disse isso, para evitar duplicação de recursos, onde possamos ter esforços mais coordenados para o mesmo objetivo.

Especialmente penso que a UNECA e o resto podem ajudar nisso, para fazer algumas comparações dentro de África. Nos países africanos com os quais você pode aprender, deixe que as melhores práticas sejam mais compartilhadas. E a única conclusão que vou dar é que gostaria de incentivá-los a acessar o site da ICANN e, por favor, ler nossos blogs, ver o que há lá, ver o que estamos fazendo na Coalizão pela África Digital e nos seguir muito intensamente. Essa é a minha lição para você.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Eu sei que temos Manassés online. Seus dois centavos, Sr. Manassés.

EMMANUEL MANASSEH: Sim. O primeiro é uma forte vontade política, juntamente com políticas facilitadoras no ambiente global. E a segunda é a colaboração, o investimento em infraestrutura digital, acesso e conteúdo. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigado por esses excelentes insights sobre a conectividade significativa. Gostaria agora de abrir a discussão ao plenário. E eu tenho algumas intervenções que foram dadas. Vou começar com Bangladesh. É sua responsabilidade pela sua intervenção.

MUSTAFIZUR RAHMAN: Olá. Aqui é o General de Brigada Mustafizur, de Bangladesh. Ouvimos muito sobre África, as possibilidades, a potencialidade. Tive a oportunidade de servir em África porque sou militar. Servi em missão

de paz da ONU. Tive a oportunidade de servir em Serra Leoa, Congo, Costa do Marfim e visitar muitos outros países africanos. Eu tenho visto as dificuldades. O país é enormemente grande, mas a população é menor em comparação com o tamanho do país. Então, o que é necessário é o desenvolvimento de infraestruturas, a principal conclusão para África. Mas para isso, um dos palestrantes disse a colaboração. Sobre a colaboração, posso dar um exemplo do meu país que antes de 40 anos, quando construímos a nossa linha férrea, ao mesmo tempo, colocamos o cabo de fibra óptica com a linha férrea. Essa se tornou a espinha dorsal principal. Com esse backbone, com essa fibra ferroviária, iniciamos nossa comunicação móvel. E da mesma forma, sempre que construímos a linha da rede elétrica, colocamos os cabos de fibra óptica com a linha da rede elétrica. Isso se tornou uma espinha dorsal muito importante para o nosso país. E da mesma forma, sempre que construímos qualquer rodovia, estamos construindo o cabo de fibra óptica, para que a comunicação rodoviária e o backbone de telecomunicações sejam construídos simultaneamente. Então essa lição eu posso te dar. Muito obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Na verdade, não podemos falar demais sobre colaboração. Então, outra intervenção que temos é a União Europeia. Sr. Pearse O'Donohue.

PEARSE O'DONOHUE: Muito obrigado, de fato. Obrigado por esse painel muito interessante e esclarecedor, que é muito informativo para nós. Onde ficou claro que a

conectividade universal é um motor essencial para alcançar os objetivos da transformação digital e, claro, dos ODS. Mas é essencial que a conectividade seja baseada no modelo de Internet aberta. Como as evidências mostram, este modelo impulsiona o desenvolvimento económico centrado no ser humano. Agora, a chave para o sucesso da Internet aberta é a sua arquitectura descentralizada, que se baseia em padrões e protocolos abertos, e é sustentada por um modelo de governação da Internet multissetorial. A concretização da Internet aberta requer, portanto, uma abordagem abrangente que vá além do investimento em tecnologia e conectividade. Embora, evidentemente, reconheçamos que este é um pré-requisito, como ficou claro neste painel, deve também centrar-se em áreas como a digitalização aberta da Internet, o investimento em aptidões e competências e o desenvolvimento de capacidades. Assim, a União Europeia está totalmente empenhada em estabelecer parceria com África e apoiar a sua jornada no sentido de colher os benefícios da conectividade e da economia da Internet aberta. Em termos de infraestrutura digital, a Iniciativa Global Gateway da UE apoia o Pacote de Investimento África-Europa, que representa 150 mil milhões de euros no total para o crescimento e o emprego digitais, verdes e sustentáveis, os sistemas de saúde e a educação, que visa acelerar o acesso universal para todos em África a redes de Internet fiáveis com segurança onde quer que vivam. Esperamos que isto seja uma contribuição para uma conectividade significativa. Este objetivo será alcançado através da facilitação de projetos em cabos submarinos e terrestres, bem como de infraestruturas de nuvem e de dados, e também apoiando quadros regulamentares que promovam uma transição digital que coloque as

peessoas no centro, em linha com os princípios da conectividade confiável. Do ponto de vista das aptidões e competências, através de projetos como a Iniciativa de Política e Regulação para a África Digital, PRIDA, a UE está a ajudar a reforçar a capacidade das partes interessadas africanas de participarem ativamente na governação global da Internet. E depois, em 2023, no ano passado, a UE também lançou a Iniciativa Global para o Futuro da Internet, GIFI, que é um processo multilateral que visa promover a Internet aberta. Várias atividades deste projeto terão lugar em África, e incluirão eventos organizacionais, um que teve lugar ontem aqui em Kigali, a promoção de melhores práticas, e também a comunicação sobre os benefícios da Internet aberta e da abordagem multi-stakeholder. Assim, para concluir, a Coligação para a África Digital e a Europa trabalham sob diferentes ângulos, e fazemo-lo com toda a humildade, compreendendo que devemos aprender com os nossos parceiros africanos. Temos mandatos diferentes, mas partilhamos o mesmo objetivo de reforçar a participação de África na economia aberta da Internet. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada, Comissão Europeia. Japão, pela sua intervenção. Obrigado.

NOMURA EIGO: Ok. Obrigado, presidente. Conforme discutido, a Internet é a base para muitos serviços inovadores, essenciais para o desenvolvimento futuro e a inclusão social. A difusão da internet enriquece a vida das pessoas.

O Japão tem vindo a desenvolver a sua infraestrutura de informação e comunicação, que agora fornece acesso a serviços de banda larga fixa e móvel em quase todas as áreas do Japão. Também desenvolveu um ambiente competitivo no mercado de telecomunicações. Estas experiências e conhecimentos também são partilhados com os países africanos, e, mediante solicitação, são fornecidas instruções sobre políticas e formação para reguladores. Além disso, com o apoio da JICA, Agência de Cooperação Internacional do Japão, também realizamos sessões de formação para funcionários reguladores no Japão. Reconhecemos que África é geograficamente diversa e que existem muitas áreas onde a exclusão digital ainda persiste devido a várias razões. Por isso, o Japão está a realizar manifestações e outras iniciativas que contribuem para eliminar a exclusão digital nos países africanos. Por exemplo, no Ruanda, este país, foi demonstrado um serviço de telecomunicações que combina comunicações por satélite e Wi-Fi, bem como educação à distância. E uma empresa, a SoftBank, conduziu o primeiro teste de comunicações 5G bem-sucedido do mundo a partir da estratosfera, usando um hub de estação de plataforma de alta altitude em outubro passado. No Quênia, está a ser demonstrada uma rede que utiliza cabos ópticos inovadores, que podem ser instalados de forma eficiente e a baixo custo. Noutros países, estamos a demonstrar soluções agrícolas baseadas na telemedicina e nas TIC. Esperamos que a nossa tecnologia e conhecimento contribuam para a concretização do desenvolvimento de uma conectividade significativa em África. Por último, mas não menos importante, a TICAD 9, uma conferência internacional sobre o desenvolvimento africano, cuja 9ª reunião será realizada em

Yokohama, Japão, em Agosto do próximo ano. A TICAD comemorou seu 30º aniversário no ano passado. Esperamos continuar a construir laços mais estreitos entre a África e o Japão. Obrigado pela sua atenção. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. É ótimo conhecer todas estas iniciativas que estão a acontecer em toda a região, e esta é uma boa sessão que podemos aprender e aproveitar à medida que reduzimos a exclusão digital em todo o nosso continente. Índia, por favor, a palavra é sua para sua intervenção.

SUSHIL PAL: Obrigado. A Índia atribui a mais alta prioridade ao desenvolvimento de uma conectividade significativa em África e está totalmente empenhada em estabelecer parcerias com África para alcançar este objetivo. A Índia tem apoiado uma conectividade significativa com África através de vários projectos. Lançámos inicialmente o projeto de rede electrónica pan-africana para criar uma rede de fibra óptica para fornecer conectividade por satélite e também serviços de telemedicina e teleeducação. E mais tarde, este projeto específico foi entregue pela Índia à Comissão da União Africana, que colocou o centro da rede em Dakar, que está sob a custódia do governo do Senegal. Acreditamos firmemente que a conectividade significativa só poderá ser alcançada através do desenvolvimento de competências e capacitação na comunidade. Por isso, no dia 19 de outubro, lançamos mais um projeto sobre e-learning e telemedicina. E tenho o prazer de informar que até

junho de 2023, 14.000 bolsas foram concedidas aos alunos matriculados em diversas disciplinas, incluindo aplicações de informática, administração de empresas, comércio, saúde, turismo, humanidades e artes, etc. Além disso, em Agosto de 2023, a Índia assumiu um compromisso de 2 milhões de dólares para o Mecanismo de Inclusão Financeira Digital de África, gerido e gerido pelo Banco Africano de Desenvolvimento para impulsionar a inclusão financeira digital em África, eliminando as barreiras ao crescimento e acelerando a inclusão financeira em África. Além disso, para levar adiante a conectividade significativa, celebrámos também um memorando de entendimento sobre a cooperação no domínio da infraestrutura pública digital, que são soluções à escala populacional para a transformação digital com países como a Serra Leoa, a Tanzânia e o Quênia, em Outubro. e dezembro de 2023. Muito obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigada. Índia, Egito, por favor, tomem a palavra para a sua intervenção.

EGITO: Obrigado. Boa noite a todos, senhoras e senhores. Gostaria de estender minha gratidão a Ruanda por sediar a quinta versão da Reunião Governamental de Alto Nível na bela cidade de Kigali, e à ICANN pela oportunidade de participar desta importante discussão. Tenho o prazer de me juntar a vocês hoje em nome do Engenheiro Mohamed Shamroukh, Presidente Executivo da NTRA, e transmitir as saudações do Dr. Amr Talaat, Ministro de Comunicação e Tecnologia da

Informação do Egito, que queria estar conosco hoje, mas não pôde comparecer. devido a outros compromissos. Permitam-me compartilhar com vocês algumas observações sobre conectividade significativa, o tema da nossa sessão de hoje. A exclusão digital ainda é enorme e, com o rápido desenvolvimento das tecnologias talvez até a aumentar, hoje 66% da população mundial utiliza a Internet. Contudo, em África, a média é de apenas 40%, o que a torna a região menos conectada. Apenas 55% das pessoas em África utilizam a Internet e apenas 61% possuem um telemóvel. Em termos de paridade de género, África continua a ficar atrás de outras regiões por uma margem considerável, onde a UIT, cerca de quatro em cada dez homens e três em cada dez mulheres, utiliza a Internet. Além disso, embora tenham sido feitos progressos na implantação de infraestruturas para cobrir 40% da população de África, na maioria dos países, menos de 15% desta ligação está a um nível que garantiria uma conectividade significativa. A este respeito, seguindo a visão do Egito para 2030 de uma infraestrutura digital robusta, o governo do Egito está a trabalhar na implantação de redes de fibra óptica a nível nacional, conectou 93% das casas com fibra e aumentou a velocidade da Internet em 12 vezes desde 2019, adicionalmente. O governo do Egito está a implementar redes móveis de última geração e conectividade de alta velocidade através de uma iniciativa presidencial chamada Vida Decente, com o objetivo de melhorar as condições de vida quotidiana de 58 milhões de cidadãos egípcios. Além disso, o governo do Egito facilitou um acordo de cooperação entre a Telecom Egypt e a ICANN, estabelecendo no Cairo o segundo sistema de servidores raiz gerenciado pela ICANN na África. A nova instalação está ligada à crescente rede de fibra óptica e

deverá ligar-se a 18 cabos submarinos até ao final de 2025. O projeto IMRS aumentou a segurança, a resiliência e a flexibilidade da infraestrutura da Internet em África, avançando os esforços de transformação digital e contribuindo para o desenvolvimento económico e social. Obrigado.

GLORIA ATWINE KATUUKU: Muito obrigado, Egito. Permitam-me aproveitar esta oportunidade para agradecer aos nossos especialistas no assunto por nos guiarem através do apoio e desenvolvimento de conectividade significativa, e aos nossos palestrantes, Dra. Catherine, Sr. Emmanuel Manasseh, Sra. Eu agradeço muito. E permita-me agora devolver o microfone aos nossos mestres de cerimônia. Muito obrigado.